

SEMINARIO

RABÍNICO LATINOAMERICANO
MARSHALL T. MEYER

Predicas Curtas

Reflexões sobre a Teshuvá (arrependimento)

Rab. Ari Bursztein

A ideia central dos dez dias de arrependimento, que começam com Rosh Hashaná, é conhecida. A Teshuvá pode parecer um conceito óbvio, mas não é, de nenhuma maneira. Ioná foi o único dos profetas, em toda a Bíblia, sobre quem é relatado algum tipo de sucesso educativo. Nenhum outro teve, inclusive Moisés, nosso mestre. Por causa de seu sucesso, Ioná prefere morrer, por não estar de acordo com a ideia de Teshuvá, afirmando que é um grande desequilíbrio que atenta contra a ideia de justiça.

A Teshuvá é algo impossível também desde o ponto de vista filosófico. Em teoria estamos condicionados por nossa biologia e psicologia, que estão incluídas em nossa genética, também pela sociologia e a história. Um super computador, no qual alimentamos todos os dados imagináveis sobre uma pessoa e seu contexto, poderia chegar a acertar nosso próximo passo na vida. Porém, a ideia judaica de Teshuvá acredita na possibilidade de se sobrepor à carga que levamos em nossas costas e dizer: hoje decido mudar e o que fiz errado até agora se converte em bom.

Como Maimônides resume, no Mishnê Torá (Leis de Teshuvá 5:1): “Todo homem desfruta do livre arbítrio, se quer se inclinar pelo bom caminho e ser um homem justo, é livre para fazê-lo; se quer se inclinar para o mal e ser malvado, é livre para fazê-lo”. O verbo acreditar em relação à Teshuvá é o correto nesse caso, porque possivelmente não se possa demonstrar a possibilidade de Teshuvá, mas sim acreditar nela. É uma espécie de aposta no futuro, sendo conscientes que nunca teremos certeza absoluta de que a fizemos, mas nos serve como postulado para que nossas vidas sejam significativas.

Essa aposta, para que possa ter efetividade, requer de nós uma postura existencial perante a vida. Isso também foi resumido brilhantemente por Maimônides em seu livro (Leis de Teshuvá, 7:2): “Cada homem deve considerar a si mesmo como se estivesse a ponto de morrer e, por medo de morrer em pecado, se arrependerá em seguida. Não deve dizer: Arrependerei-me quando envelhecer, porque pode morrer antes de envelhecer”. Cada ação é a última, a que define, a que vai qualificar toda sua vida. Soa exagerado, mas se apostamos na ideia de Teshuvá, deveria ser assim, não temos outra opção.

SEMINARIO

RABÍNICO LATINOAMERICANO
MARSHALL T. MEYER

Nossa tradição não apenas acredita na possibilidade de mudança, mas também na grande responsabilidade que temos ao agir de determinada maneira, considerando sua próxima ação como a que determina que tipo de pessoa seja.

Lembremos que a Teshuvá é uma mitsvá que não está delimitada no tempo, quer dizer que não existe um momento determinado para a mudança, sendo sempre obrigatório. Em síntese, a Teshuvá é uma postura perante a vida. Os dez dias entre Rosh Hashaná e Iom Kipur são somente lembretes disso. Portanto, a efetividade dos dez dias de Teshuvá deveria durar o ano inteiro. Se não fosse assim, e considerássemos esse período como algo específico, exclusivo e único, para depois voltar à vida cotidiana e a falta de consciência de mudança e melhoria em todo momento, não teremos feito o que corresponde para tarefa encomendada por nossa tradição milenar.

.....

Machzor Avudraham, Rosh HaShaná – Um resumo de dez ideias para considerar enquanto tocam o shofar.

Rab Saadia escreveu dez explicações ao respeito de porque o Criador, Bendito Seja, nos ordenou tocar o shofar em Rosh Hashaná:

1. Rosh HaShaná assinala o começo da criação do mundo e da liderança de Deus sobre o mesmo. Assim como é costume soar trompetes e cornetas ao coroar um novo rei, para que o começo de seu reinado seja público por todo o reino, nós também proclamamos neste dia a soberania de Deus.
2. Rosh HaShaná é o começo dos Dez Dias de Arrependimento, portanto, o shofar é tocado para tornar pública... a oportunidade para aqueles que quiserem se arrepender, possam fazê-lo.
3. Para nos lembrar [da entrega da Torá no] Monte Sinai... para reafirmar o que nossos antepassados aceitaram cumprir ao dizer: “Faremos e escutaremos”.
4. Para nos lembrar das palavras dos profetas, as quais são comparadas ao som do shofar...
5. Para nos lembrar da destruição do Templo...
6. Para nos lembrar do Sacrifício de Itzhak...

SEMINARIO

RABÍNICO LATINOAMERICANO
MARSHALL T. MEYER

7. Para que, ao ouvir os toques do shofar, tenhamos um profundo temor [a Deus].

8. Para nos lembrar do Dia do Juízo Final...

9. Para nos lembrar da reunião dos exílios...

10. Para nos lembrar da ressurreição dos mortos e [despertar] nossa crença nela...

.....

Rab Iossef Dov Soloveitchik, Sobre o Arrependimento - Por que rezar por temor?

Um eminente psiquiatra me disse uma vez:

"Se tivesse autoridade suficiente, eliminaria a reza das Grandes Festas que começam com as palavras: 'Coloca Seu temor...' O temor é a principal causa de muitas doenças mentais que assediam a humanidade. Para preservar a saúde mental, uma pessoa deve se libertar de seus temores. Com certeza não há nenhuma razão para que alguém deva rezar pedindo ter medo", disse-me com segurança.

A verdade é que suas palavras me ajudaram a entender a real natureza desta reza, e isso é o que lhe disse:

"Todo o mundo parece estar assediado por todo tipo de temores. Alguns temem não ter sucesso em suas carreiras; outros temem perder a saúde ou o status, ou não conseguir alcançar o status adequado. Muitos temem a doença e a fraqueza física, assim como uma ampla gama de possíveis problemas e dificuldades. O homem está constantemente assediado por todo tipo de problema que, em geral, são insignificantes. Eu não sou um psiquiatra, mas sei que há uma classe de medo que pode erradicar todos os demais... Se trata do temor a Deus! Isto é o que pedimos nessa oração: rezamos pedindo que este "temor", extremamente significativo, nos liberte de todos os outros temores que afetam de maneira adversa nossas vidas".

Rab Jonathan Sacks sobre "Avinu Malkeinu".

SEMINARIO

RABÍNICO LATINOAMERICANO
MARSHALL T. MEYER

Foi a genialidade de Rabi Akiva justapor duas ideias: Deus é nosso Rei e nós somos Seus súditos; porém Deus também é nosso Pai e nos somos Seus filhos. E com simplicidade absoluta rezou pedindo a Deus que nos observasse com o amor de um pai antes de considerar nossas vidas com a distância e indiferença que tem um rei.

O ganhador do prêmio Nobel, o físico Niels Bohr – quem desenvolveu uma teoria complementar sobre física quântica: o princípio de que não se pode registrar simultaneamente a posição e a velocidade de uma partícula – disse que a ideia se formou quando seu filho lhe confessou ter roubado um objeto de uma loja local. Ele se deu conta que poderia pensar em seu filho com amor, como um pai, e com justiça, como um juiz, mas não de ambas as maneiras ao mesmo tempo.

A expressão de Rabi Akiva em dois aspectos: (a) Deus nos vê simultaneamente como filhos e como servos, e (b) nossa oração é para que Ele se relacione conosco primeiro e principalmente como se fossemos Seus filhos. A história do físico nos mostra o primeiro aspecto, porque para os seres humanos é impossível se relacionar com qualquer coisa, simultaneamente, de duas maneiras diferentes, tratando-se de uma partícula ou de um filho (mesmo que Deus não tenha nenhum problema em fazê-lo). Em seguida, Bohr aplicou esta perspectiva humana sobre a paternidade de suas investigações físicas. Rabi Akiva nos ensina que Deus está além desta limitação humana e por tanto, podemos rezar e pedir a Deus que sinta compaixão por nós como um pai tem por seu filho, inclusive no momento em que nos julga.